

ENSINO DE GEOGRAFIA E LITERATURA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA O DESENVOLVIMENTO DO OLHAR GEOGRÁFICO DOS EDUCANDOS

TEACHING GEOGRAPHY AND LITERATURE: A POSSIBLE PATH FOR DEVELOPING THE GEOGRAPHIC VIEW OF EDUCATORS



LAÍS NASCIMENTO UEHBE

Bacharela e licenciada em Geografia, graduada em pedagogia; pós graduada em psicopedagogia; mestre em Geografia humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da rede municipal de São Paulo e Psicopedagoga Clínica e Institucional.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir as possibilidades de articulação entre Geografia e Literatura como estratégia para o desenvolvimento do olhar geográfico dos educandos e para a construção de uma aprendizagem significativa no ensino de Geografia. Trata-se de um estudo de natureza teórico-reflexiva, fundamentado em autores que discutem a relação entre Geografia e Literatura, o ensino de Geografia e os processos de aprendizagem. Inicialmente, analisa-se o diálogo histórico e epistemológico entre essas duas áreas do conhecimento e suas potencialidades para a produção de um ensino interdisciplinar. Em seguida, são discutidas concepções de ensino comprometidas com a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e interpretar a realidade espacial em que vivem. Por fim, apresentam-se possibilidades pedagógicas para a utilização da literatura na prática docente, enfatizando a mediação do professor, a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, a construção de conceitos geográficos e o diálogo como elementos centrais do processo educativo. Conclui-se que a leitura literária amplia as formas de acesso ao conhecimento, favorece o desenvolvimento do pensamento geográfico e contribui para a formação de uma consciência crítica acerca do espaço e das relações sociais nele estabelecidas.

Palavra-chave: Geografia; Literatura; Ensino de Geografia; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This article aims to discuss the possibilities of articulation between Geography and Literature as a strategy for developing students' geographic perspective and for building meaningful learning in Geography teaching. This is a study of a theoretical-reflective nature, based on authors who discuss the relationship between Geography and Literature, the teaching of Geography and the learning processes. Initially, the historical and epistemological dialogue between these two areas of knowledge and their potential for the production of interdisciplinary teaching is analyzed. Next, teaching concepts committed to the formation of critical subjects, capable of understanding and interpreting the spatial reality in which they live, are discussed. Finally, pedagogical possibilities for the use of literature in teaching practice are presented, emphasizing the teacher's mediation, the valorization of students' prior knowledge, the construction of geographic concepts and dialogue as central elements of the educational process. It is concluded that literary reading expands the forms of access to knowledge, favors the development of geographic thinking and contributes to the formation of a critical awareness about space and the social relations established therein.

Keyword: Geography; Literature; Teaching Geography; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Geografia e Literatura têm, nas últimas décadas, estreitado as suas relações, na medida em que muitos geógrafos passaram a reconhecer nas obras literárias uma importante fonte de contribuição e enriquecimento para os estudos geográficos, aproximando, assim, seus vínculos e contribuições³. Essa linha de pesquisa, que entrelaça duas áreas do conhecimento – Geografia e Literatura – busca, sobretudo, uma interdisciplinaridade nos estudos científicos, ultrapassando as barreiras que separam os diferentes campos dos saberes.

Dentro dessa perspectiva, acredita-se que o diálogo entre as duas áreas do conhecimento é possível, também, no âmbito da geografia escolar, no qual se abre a possibilidade de um ensino interdisciplinar, onde se desenvolve o olhar geográfico e a capacidade de interpretação de mundo do aluno através da interpretação de um texto literário. Acreditamos que a troca entre a geografia e a literatura proporcionaria um enriquecimento na aprendizagem dos alunos, tornando-a mais significativa ao se aproximar de sua realidade e possibilitar o desenvolvimento de noções a partir dos chamados

³Na geografia brasileira, Suzuki (2010, p. 243) mostra que essas reflexões entre as duas disciplinas resultaram recentemente “em monografias de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de textos apresentados em eventos e capítulos de livros, dentre outras publicações”.

“conceitos espontâneos”, propostos por Vygotsky⁴ (1993); não apenas pelo rico conteúdo que o texto literário oferece e a sua forma de dizer o mundo, mas também como uma importante fonte de acesso ao conhecimento, que possui uma maior penetração na vida social e cultural dos alunos (MONTEIRO, 2002; LÉVY, 2006).

Assim, este artigo procura também problematizar qual ensino de geografia e qual educação que almejamos construir, a qual a criticidade e a conscientização do mundo (FREIRE, 1968) se fazem presentes. A partir disso, busca-se também a valorização do aluno enquanto sujeito da sua própria aprendizagem, abarcando nesse processo sua “cultura geográfica” (CAVALCANTI, 2017), que corresponde as suas vivências e experiências cotidianas, bem como seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo assumido.

Partindo dessa concepção, iniciamos então uma reflexão a respeito das práticas possíveis do ensino de geografia através da leitura de um texto literário, a partir do qual a mediação do professor e a abertura ao diálogo através de rodas de conversas tornam-se fundamentais para a construção de um conhecimento crítico e uma conscientização de mundo. Considerando que a linguagem se constitui no sistema simbólico básico dos seres humanos (VYGOTSKY, 1989), o contato com a linguagem escrita possibilita também um caminho de desenvolvimento cognitivo e de desenvolvimento de conceitos, através da relação existente entre objetividade e subjetividade, permitindo que os alunos estabeleçam relações, inter-relações, correlações, etc., a partir dos materiais trabalhados.

Dessa forma, o presente artigo busca sugerir quais caminhos podemos percorrer dentro dessa perspectiva que trabalha a prática leitora dos alunos através da relação existente entre a geografia e a literatura, e quais objetivos podemos almejar dentro dessa proposta; além disso, discutiremos também a sua relação com o desenvolvimento do ensino-aprendizagem da geografia escolar.

GEOGRAFIA E LITERATURA: DIÁLOGOS E FORMAS DE ARTICULAÇÃO

Uma primeira aproximação do tema seria enfatizar o diálogo entre geografia e literatura a partir da perspectiva na qual a literatura, sendo um tipo de arte, expressa, também, um tipo de saber. A literatura apresenta-se, como afirma Cândido (1975), dentre vários outros aspectos, como um produto social, exprimindo condições de cada civilização que ocorre, bem como “produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais” (CANDIDO, 1975, p.21). Dessa forma, acreditamos que a partir da prática leitora é possível encontrarmos e interpretarmos saberes geográficos, pois, sendo a Geografia a ciência centrada

⁴Os conceitos espontâneos, segundo Vygotsky, seriam aqueles não relacionados ao ensino formal, adquiridos cotidianamente através da experiência concreta das crianças.

no espaço social do homem⁵, possui então, íntima relação com as artes, abrindo possibilidades para esse diálogo.

Um dos grandes autores que chamou a atenção para este diálogo foi Milton Santos (1994), para quem “o maior erro que a Geografia cometeu foi o de querer ser ciência, ao invés de ciência e arte”. Isto porque a relação existente entre a geografia e a literatura é histórica e epistemológica dentro da disciplina, datada desde antes da fundação da geografia moderna, e sua dissociação é resultado da fragmentação do conhecimento e da divisão rígida dos conteúdos científicos, a qual, tributária de uma ciência positivista, rompeu com os estudos de caráter interdisciplinar. Entretanto, houve um período em que não havia muitos elementos que separavam Geografia, História e Literatura. Lévy (2006) aponta que, da Antiguidade até o Renascimento, a história de um povo estava intimamente ligada à geografia de seu território, frequentemente expostas em prosa literária. Sendo assim, geógrafos desde a Antiguidade reuniam relatos de viagens, descrições de paisagens e crônicas histórico-literárias⁶. Além disso, ainda segundo Lévy (*op. cit*) Humboldt também se valeu da literatura em seus trabalhos, sendo o primeiro geógrafo a criar uma síntese sobre sua utilização, considerando as artes e as ciências como indissociáveis⁷.

Ademais, reconhece-se há algum tempo a literatura como documento social, como esclarece Claval (1999, p.55):

O romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970.

Assim, acreditamos que essa relação entre a geografia e a literatura abre um caminho fértil e com inúmeras possibilidades de abordagem de práticas leitoras do espaço, do mundo e da sociedade, nesse sentido,

Uma das grandes virtudes da literatura é a sua capacidade de ir do particular em direção ao universal. O drama humano, a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprios. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam do sentido universal de seus temas, conflitos e entendimento (MARANDOLA Jr.; GRATÃO, 2010, p.7).

Essa virtude da literatura advém, sobretudo, das características do texto literário, onde a preocupação estética com a linguagem se faz presente. É um tipo de escrita em que forma e conteúdo são indissociáveis. Neste sentido, Fiorin e Savioli (2006) irão dizer que a principal diferença entre o texto literário e o texto não literário é que o primeiro tem uma função estética, enquanto o segundo tem uma função utilitária, ou seja, informar, convencer, explicar, documentar. Os autores ainda afirmam que

⁵Milton Santos (1982, p.8) “A história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social”.

⁶ Sobre o assunto, recomenda-se Lévy (2006); Brosseau (1996).

⁷ Os escritos de Humboldt tinham toda uma preocupação com a arte de descrever, com a estética literária. Nessa preocupação ele promove a “interação literatura e ciência”, através de um objetivo claro, “o esforço de reproduzir a ‘imagem refletida na imaginação e no pensamento’ do homem” (RICOTTA, 2000, p.98).

Fruir um texto literário é perceber essa recriação do conteúdo na expressão e não meramente compreender o conteúdo; é entender os significados dos elementos da expressão. No texto literário, o escritor não apenas procura dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que, nele, importa não apenas o que se diz, mas o modo que se diz (FIORIN; SAVIOLI, 2006, p. 351).

Isso significa dizer que o autor do texto literário se utiliza de diversos recursos para expressar sua visão de mundo, transformando a linguagem literária em uma linguagem autocentrada, reproduzindo ritmos, sonoridades, repetições de palavras, repetição de situações ou descrições. O texto literário é conotativo e, assim, cria significados novos⁸. São essas características que tornam atrativa a leitura literária, como afirma Monteiro (2002, p.90):

[...] Mesmo para um país onde os índices daqueles que podem fruir da Literatura é reduzido, não se pode admitir que os trabalhos geográficos-acadêmicos, técnicos ou tecnocráticos – com seus cartogramas, gráficos e tabelas estatísticas – possam sensibilizar a sociedade mais do que as obras literárias.

Assim, o autor defende a idéia de que, por mais tabelas, dados empíricos e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá sempre uma possibilidade para que um escritor, com outros recursos, tenha o poder de criar uma “realidade infinita”, ainda que o “ficcional”, o imaginário, mítico e metafísico não substitua o “real” (MONTEIRO, 2002). Entretanto, é muito provável que isso venha “iluminar” e ampliar a percepção de conteúdos geográficos em obras literárias.

É importante apontarmos aqui que, a defesa da relação dialógica entre as duas disciplinas não representa a sobreposição de uma pela outra, trata-se sempre de uma relação de troca, onde o saber científico não é substituído pelo conhecimento literário, bem como esse conhecimento literário não é anulado pela ciência. Nesse sentido, Monteiro (2002, p.117) afirma que a busca de “conteúdos geográficos” em obras literárias não é de nenhum modo utilizada para “substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas retirar desta (literatura) novos aspectos de interpretação: reconhecê-la como um meio de enriquecimento”.

Dessa forma, se a ciência geográfica tem recebido crescente atenção por parte de pesquisadores preocupados com as transformações contemporâneas da sociedade, a literatura, por sua vez, tem uma penetração muito maior na vida cultural e social, no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, Moraes, em sua obra *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil* ([1987] 2005, p.31), mostra que o conhecimento geográfico se apresenta de diferentes formas, e que, em conjunto com a geografia científica

[...] convivem disciplinas que margeiam os temas geográficos, disciplinas que sobrepõem a seus supostos objetos, ‘Geografias implícitas’ de outras culturas, Geografias passadas, com conteúdos superados, obras de fundamento de propostas geográficas, para não falar dos saberes informais ‘pré-científicos’.

⁸“No uso estético da linguagem, procura-se desautomatizá-la, ou seja, criar novas relações entre as palavras, estabelecer associações inesperadas e estranhas” (FIORIN; SAVIOLI, 2006, p. 351).

O autor denomina essas diferentes formas de saber e esferas do conhecimento que margeiam os temas geográficos de “pensamento geográfico”. Por esse pensamento geográfico entende-se

O conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo. Nesse entendimento, os temas geográficos distribuem-se pelos variados quadrantes do universo da cultura. Eles emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento políticos, no ensaístico, na pesquisa científica, etc. (MORAES, [1987] 2005, p.31).

Este pensamento geográfico, segundo o autor, abrangeria os vários significados históricos do rótulo *Geografia*, suas fontes, as concepções atuais e também as reflexões oriundas de outras disciplinas que, numa ótica central ou marginal, tocassem nos temas do conteúdo atualmente assumido.

Assim, podemos constatar que a perspectiva levantada entre o diálogo geografia e literatura é respaldada teoricamente e metodologicamente. Nesse sentido, a forma de abarcar o mundo pela ciência (através de conceitos, axiomas e conexões causais entre fatos) e pela arte (através de simbologias e significações), pode gerar interdisciplinaridade no sentido do pensamento e do conhecimento a se produzir, enquanto uma fusão que torna possível abarcar a realidade do mundo nas mais diversas perspectivas. Este diálogo permite, portanto, ampliar as formas de acesso ao conhecimento.

ENSINO DA GEOGRAFIA: REFLEXÕES

Feita esta introdução, para incorporarmos o tema da sala de aula junto ao diálogo entre a geografia e a literatura, é importante fazermos alguns apontamentos ao que se refere à prática de ensino da Geografia. Uma primeira aproximação seria enfatizar que há uma distinção entre a *ciência* geográfica e a *matéria* geografia. Quando falamos da ciência geográfica, ela abarca em si conceitos, métodos e teorias relacionadas à problemática do seu objeto de investigação. Ao se tratar da matéria geografia, enquanto conteúdo escolar, esta deve abranger outros objetivos, práticas e significados, possuindo conteúdos não apenas lógico-formais como também aqueles pedagógicos, epistemológicos, psicocognitivos, didáticos, entre outros, que tem por finalidade a formação da personalidade dos alunos. Nesse sentido, Cavalcanti (2006, p.10) afirma que “há, no ensino, uma orientação para a formação do cidadão diante de desafios e tarefas concretas postas pela realidade social e uma preocupação com as condições psicológicas e socioculturais dos alunos”.

Assim, o ensino deve se preocupar com a aprendizagem dos alunos conforme suas características intelectuais, afetivas, socioculturais, entre outras. É principalmente nesse contexto que a literatura aparece nessa relação dialógica com o ensino da geografia, como aponta também Cavalcanti (*op. cit*, p. 10):

Atualmente, os complexos problemas que a sociedade brasileira tem enfrentado na busca de melhor qualidade de vida, na instauração da ordem democrática, na luta por práticas políticas pautadas na ética e na justiça social, têm requerido consideráveis esforços

intelectuais para compreendê-los de uma forma interdisciplinar, como caminho para uma compreensão de conjunto e de busca mais eficiente de soluções.

Ainda nessa linha de raciocínio, o sociólogo francês Edgar Morin (2017) irá defender a necessidade de se reunir o conhecimento, a aprendizagem e as artes, a fim de estabelecer um saber transdisciplinar. Segundo ele, os conhecimentos separados artificialmente, as disciplinas fechadas, nos ensinam a ser um indivíduo adaptado à sociedade, mas impedem a compreensão dos problemas do mundo e de si mesmo. Nesse sentido, afirma que “para se conhecer o ser humano, é preciso estudar áreas do conhecimento como as ciências sociais, a biologia, a psicologia. Mas a literatura e as artes também são um meio de conhecimento”⁹.

Dessa forma, podemos perceber que a relação entre geografia e literatura é possível não apenas no contexto já exposto – na prática da ciência geográfica – mas também no contexto da geografia educacional enquanto uma prática didática, criando a oportunidade de se buscar um menor distanciamento entre o conhecimento acadêmico e a atividade docente no ensino básico, sendo possível elaborar um trabalho de pesquisa com contribuição para a ciência e a prática pedagógica do professor de geografia, num esforço de compatibilizar pedagogicamente as novas propostas e discursos desenvolvidos pela disciplina (MORAES, 1985).

Partindo desse ponto, podemos observar que o ensino de geografia e a construção de conhecimentos geográficos são constituídos, principalmente, pela necessidade do desenvolvimento da noção da espacialidade com os alunos. É necessário que os alunos compreendam o caráter social da espacialidade¹⁰, que não existe sociedade sem espaço, bem como não existe espaço sem sociedade. Desta forma, é possível afirmarmos a importância do ensino de Geografia para a formação de sujeitos que reconheçam a dimensão social de sua participação na apropriação do espaço, que é construída a partir da assimilação de conceitos geográficos e de suas vivências nesse espaço.

Entretanto, sabe-se também que a educação de forma geral, e o ensino de geografia especificamente, são pautados muitas vezes por uma visão tradicionalista e positivista, caracterizada por memorização de conteúdo, sendo este, também, despolitizado e fortemente marcado pela dicotomia homem x natureza, não produzindo um saber significativo e um aprendizado crítico. Em consequência disso, não formamos alunos críticos em relação ao mundo e ao espaço em que vivem, sendo a geografia transformada, desta forma, em uma disciplina com poucas relações com a realidade concreta e o cotidiano dos alunos (sobretudo quando se tratam de turmas de alunos de baixa renda). Trabalhar a prática leitora dos educandos nos coloca sob uma nova perspectiva de se pensar esse ensino, onde o saber instituinte assume o lugar de um saber instituído (NETO, 2008)¹¹. Partindo desses pressupostos,

⁹ <https://www.revistaprosaversoearte.com/e-preciso-educar-os-educadores-edgar-morin/>

¹⁰ Para Milton Santos, a espacialidade é construída pela apropriação social, sociocultural e humana do espaço. A espacialidade é uma representação, uma linguagem do uso do espaço vivido (SANTOS, 1999).

¹¹ “O conhecimento socialmente *instituído* é tido como verdade irrefutável, o “provado cientificamente”, o maior fator de impedimento para qualquer tipo de questionamento que vise mudança. Já um saber *instituinte* parte da outra concepção de educação, que não aceita verdades acabadas e tenta justamente atribuir a si a função de um saber que questiona o

acredita-se que o encontro com a literatura permite uma mudança nesse saber instituído, passando pela interpretação de mundo; mas não um mundo alienado e distante, tendo em vista que essa relação entre geografia e literatura permite o entendimento das interferências cotidianas e suas manifestações na vida dos estudantes. Nesse sentido, pode-se dizer que

A fragmentação da Geografia por abordagens positivistas leva os alunos a não relacionarem os elementos cotidianos que vivenciam com as teorias, como se fossem coisas diferentes, como se as experiências dos alunos não contassem como práticas geográficas. Essas experiências dos alunos são as categorias e conceitos geográficos vivos e a leitura de obras literárias permitirá a correspondência das experiências diárias destes com as ficcionais que devem convergir para a reflexão de suas próprias vivências (SILVA; BARBOSA, 2014).

Dessa forma, ensinar geografia adquire um significado muito mais amplo, relacionando-se com as diferentes e múltiplas linguagens que se entrecruzam com o cotidiano e vivência dos estudantes, para além do engessamento dos conteúdos pedagógicos e do livro didático. Castrogiovanni (2007) defende a idéia que o ensino da geografia e a apreensão do espaço geográfico devem dar-se de forma que as subjetividades presentes no espaço sejam desenvolvidas com os alunos:

[...] o estudo do espaço geográfico deve considerar as noções e os conceitos, já construídos, que envolvem a espacialidade e valorizar a formação da consciência territorial - o sentimento de pertencer ao lugar, tão comumente adormecido em países como o Brasil. Deve interpretar as territorialidades dentro da complexidade e conhecer não apenas os elementos objetivos que compõem o espaço, mas valorizar as subjetividades e tentar entendê-las (CASTROGIOVANNI, 2007, p.41)

A música, a literatura, as artes plásticas, a dança, o teatro, o cinema, enfim, as artes em geral são capazes de fomentar nos alunos o acesso a essas subjetividades e, também, a crítica nos seus aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, espaciais e históricos. Essas linguagens permitem a aproximação dos alunos com a compreensão da realidade a partir das relações espaciais por elas demonstradas e por elas vividas.

Busca-se com a utilização dessas diferentes formas de linguagens, desenvolver um “pensar geográfico”, pensar esse que contribuiria para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao propor e compreender espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive. Como afirma Cavalcanti (2006, p.11) “O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais”.

Essa visão de ensino da geografia, pautada por uma corrente crítica, vai também em direção da concepção de educação defendida por muitos teóricos, como afirma Libâneo (2005, p.64):

Educação compreende o conjunto de processos, influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados

físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.

Nesse ponto, pode-se notar qual a ideia de educação que assumimos no presente trabalho. Não podemos fugir da responsabilidade social e política que a educação abriga, a qual nos parece, dentro das condições históricas da sociedade, inadiável e indispensável. Esta concepção de educação conduz a uma ampla conscientização em relação aos cidadãos, numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre o seu tempo e seu espaço, como afirma Freire (2017, p. 52): “autorreflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na história, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras”. É a busca, ainda segundo o autor, do homem-sujeito, tendo a educação como a prática da liberdade (FREIRE, *op. cit.*). E o ensino de uma geografia crítica vai de encontro direto com uma educação libertadora e emancipadora na formação do sujeito e do cidadão. Deste modo, levar o educando a pensar criticamente o espaço por ele experienciado é lhe dar a oportunidade de vivenciar o protagonismo de sua história e, conseqüentemente, da própria sociedade.

É nesse sentido, também, que a literatura volta a ganhar força na prática pedagógica: rompe fronteiras instituídas, desenvolve o imaginário e, sobretudo, trabalha a interpretação do mundo, como afirma Candido (2002, p.56): “a literatura tem papel libertador, isto é, ela não corrompe nem edifica, portanto, mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Assim, acredita-se que esse estudo interdisciplinar permite a ampliação da compreensão das analogias geográficas pelo aluno no seu cotidiano, ampliando sua visão e formas de interpretar a sociedade, colocando-se, também, como sujeito da mesma.

ENSINO DE GEOGRAFIA E PRÁTICA LEITORA: ENTRELAÇAMENTOS E POSSIBILIDADES

Dentro do que foi exposto, buscaremos aqui analisar práticas possíveis ao que se refere o ensino de geografia e o desenvolvimento de uma prática leitora com os alunos através da literatura; menos como uma construção metodológica, e mais na forma de reflexões, possibilidades e encaminhamentos dessa prática.

Assim, como apontado no começo desse trabalho, o texto literário é composto por características próprias, sua linguagem é uma linguagem conotativa, importa não apenas o que se diz, mas a maneira que se diz. Dessa forma, ao entrar em contato com o texto literário, o aluno entrará em contato não apenas com a informação, mas também com a forma que essa informação foi passada. É nesse sentido que a literatura tem a capacidade de nos sensibilizar, nos humanizar e direcionar nosso olhar para as questões cotidianas, para modos de vida, experiências, etc. A linguagem literária, por ser menos “intensiva” no uso da objetividade, transmite as informações e o conhecimento de uma forma plurissignificativa, trabalhando com subjetividades, interpretações e sensações. Assim, o professor adquire o papel de mediador nesse processo de construção do conhecimento, é ele quem vai mediar

esse contato entre o aluno, o texto literário e as suas diferentes formas de interpretação. A tarefa de formação, própria ao ensino da Geografia, é a de contribuir para o desenvolvimento de um modo de pensar geográfico, que compõe um modo de pensar sobre o mundo e a realidade que nos cerca. A literatura contribui muito para o desenvolvimento desse pensamento, ao colocar o aluno em contato não com os conceitos prontos, não de forma dada, e sim de maneira interpretativa, desenvolvendo o imaginário desses alunos, e o professor, como mediador, direciona esse olhar para que o aluno possa compreender aquilo que não está visível, mas ainda assim, se faz presente no texto. Trabalhar essa leitura e essa interpretação das “entrelinhas” é fundamental para que o aluno desenvolva esse olhar, também, para a realidade que o cerca;

Por meio da relação interdisciplinar pela fundamentação estética geográfica compreendemos a necessidade em trabalharmos obras literárias pelo enredo edificado imagetivamente, ou seja, a narrativa literária precisa direcionar os leitores para também lerem espacialmente o seu cotidiano, desta forma, as imagens encontradas diariamente pelos alunos serão evidenciadas pela relação daquilo que a literatura promove embricada à Geografia (SILVA; BARBOSA, 2014).

O texto literário colocará o aluno em contato com questões relacionadas ao conteúdo geográfico escolar, como meio ambiente, modo de vida urbano, modo de vida rural, conflitos sociais, migrações, população, entre outros, mas trará também conceitos implícitos, como território, paisagem, lugar e espaço geográfico. Dessa forma, é preciso trabalhar com esses conteúdos e conceitos, realizando um tratamento didático que se inicia da percepção e sensibilidade do educando, daquilo que ele compreende de sua leitura, naquilo que o toca quando lê, de que maneira aquilo adquire significado para ele, para que essa leitura e esse conhecimento adquirido possam se transformar em ferramentas simbólicas de seu pensamento, transformando-se, assim, em uma aprendizagem significativa.

Cabe ao professor mediar o surgimento, a partir da leitura dos contos, romances, poesia, etc, dos conceitos espontâneos (VYGOSTKY, 1993) que os alunos trarão de suas interpretações e experiências literárias, e a partir daí, trabalhar seu desenvolvimento. Esse tratamento didático pode se dar através, por exemplo, da criação de palavras geradoras e, a partir dessas palavras, trazidas espontaneamente pelos alunos, como resultado de suas interpretações e sentimentos, desenvolver o conteúdo objetivado previamente pela escolha do texto literário. Nesse sentido, é importante que a leitura e a interpretação deste texto sejam mediadas pelo conhecimento prévio que o aluno tem sobre aquele assunto, a sua “cultura geográfica”. Como afirma Cavalcanti (2006, p.68),

Nesse sentido, é relevante, ainda que não suficiente, para os professores de Geografia enfrentar o desafio de se considerar, entre outras, a “cultura geográfica” dos alunos. Na prática cotidiana, os alunos constroem conhecimentos geográficos. É preciso considerar esses conhecimentos e a experiência cotidiana dos alunos, suas representações, para serem confrontados, discutidos e ampliados como o saber geográfico mais sistematizado (que é a cultura escolar).

Neste mesmo sentido, explica Vygotsky (1993, p. 93):

Embora os conceitos científicos e os conceitos espontâneos desenvolvam-se em sentidos opostos, os dois processos estão intimamente relacionados. É preciso que o

desenvolvimento de um conceito espontâneo tenha alcançado certo nível para que a criança possa absorver um conceito científico correlato.

Acreditamos que esse caminho, partindo de uma educação “geoliterária” de formação de prática leitora com os estudantes, vai em direção àquilo que consideramos como uma aprendizagem significativa, ou seja, o tipo de aprendizagem na qual o conceito é incorporado por parte do aluno de uma forma não mecânica, e que o possibilita utilizar esse conceito e aplicá-lo a diferentes situações:

Por parte do professor, aprendizagem significativa tem o sentido de trabalhar em sala de aula com dados que não levem à generalização das informações apresentadas e também organiza procedimentos que levem em conta o conhecimento prévio dos alunos. Por parte destes, aprendizagem significativa tem o sentido de relacionar novos elementos de forma organizada e não arbitrária (MORAES, 2017, p. 100).

Além disso, segundo Vygotsky (1989), a linguagem constitui-se no sistema simbólico básico dos seres humanos, dessa forma é, também, mediadora, ou seja, portadora, formadora, intermediária, etc., da construção dos chamados processos mentais superiores, tipicamente humanos: a percepção, a consciência reflexiva, o pensamento abstrato, o controle deliberado e intencional do comportamento, a atenção voluntária (que depende do pensamento, não apenas das sensações) e a memória lógica (ao contrário da mecânica), ativa e orientada pelo significado. Segundo Moraes (2017, p.89),

No início da escolarização, essas funções intelectuais (percepção, memória, imaginação, atenção, etc.) ainda se encontram indiferenciadas no pensamento da criança. Diferenciando-os e reconhecendo-os como processos do pensamento de um determinado tipo (por exemplo a memória, a imaginação), o aprendizado escolar induz ao seu controle, na medida em que desenvolve a consciência da sua existência.

A prática leitora permite, então, o contato com a subjetividade e com a linguagem que, em forma de palavra, desempenha importante papel na construção dos conceitos; e na sua relação entre objetividade e subjetividade, possibilita que se façam correlações, interpretações, inter-relações entre a realidade vivida e a experiência literária. Entretanto essa experiência não se pode dar de forma individualizada ou centrada apenas na figura do professor. O ideal é que se dê em forma de rodas de conversas, onde todos os alunos que se sintam a vontade possam participar, externar seus pontos de vista, suas impressões, sensações, emoções e nessa troca, o professor vai mediando às informações que estão sendo trocadas, direcionando para os objetivos vigentes e a criação dos conceitos espontâneos, que irá guiar a sistematização posterior dos conceitos científicos. É nessa troca e nessa intersubjetivação que a consciência de mundo também vai ganhando forma, como mostra Fiori (1967, p. 21):

Na constituição da consciência, mundo e consciência se põem como consciência do mundo ou mundo consciente e, ao mesmo tempo, se opõem como consciência de si e consciência do mundo. Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciências de um certo mundo comum e, nesse mundo, se opõem como consciência de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade.

Dessa forma, ainda segundo o autor, para a formação da consciência de mundo que buscamos atingir dentro de uma prática pedagógica do ensino da geografia, é fundamental que exista esse diálogo:

O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes “admiram” um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se [...] O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo busca-se ela a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade subjetiva ganha o sujeito (FIORI, 1967, p.21).

A aprendizagem, nesta perspectiva, passa a ser percebida na dimensão da contradição e do confronto, que leva ao inconformismo e, conseqüentemente, à crítica. Acreditamos que a prática leitora, seguida dessas rodas de conversas, mediada pela figura do professor, caminha em direção daquilo que objetivamos ao utilizar a literatura para a aprendizagem da Geografia: conscientização e criticidade.

Outro caminho possível para o diálogo e a interpretação do texto literário escolhido é a apresentação dos elementos externos ao texto, como, por exemplo, seu contexto histórico, biografia do autor, corrente literária, etc. A busca da criticidade caminha na direção de uma problematização que visa interrelacionar a totalidade do conteúdo analisado. Dessa forma, os elementos externos ao texto também são importantes para se compreender o mundo que está sendo representado na obra. De acordo com Bastos (1998 p. 57), “através do romance, uma forma específica de representação do espaço geográfico se coloca, em conformidade com a ótica e vivências do autor”. Ainda segundo a autora, a figura do romancista é de suma importância no que tange os estudos dos conteúdos geográficos nas obras literárias, na medida em que o romancista nunca é neutro e sempre se posiciona, ainda que indiretamente, nos conflitos e articulações por ele criado. Assim sendo, torna-se de grande valor o entendimento da localização do romancista no campo literário e no campo das questões sociais de seu período. Segundo Bastos (1998, p. 59) “qualquer texto precisa ser investigado dentro da organização social e cultural e do contexto histórico em que foi concebido”.

Esse caminho é importante, pois leva os alunos a perceberem que todo conhecimento – e no caso, o do texto literário – é influenciado por contextos que são, muitas vezes, externos a ele e que não conseguimos enxergar objetivamente, sendo necessárias a reflexão, correlação e contextualização. Segundo Silva, em seu livro *Teoria da Literatura* (1973), todo texto literário é um *cronótipo*. Isso significa dizer que o texto literário é composto por múltiplos códigos não literários que atuam em sua composição. Ele é feito a partir de uma técnica literária, por exemplo, que exprime um contexto histórico, uma ideologia, valores, etc. Dessa forma, importa o agente que o produziu, qual seu papel dentro da sociedade, o que ele representa dentro desse contexto, etc. Esse caminho instiga os alunos a uma investigação totalizante, que busca analisar todos os aspectos e os agentes existentes dentro de uma problemática, possibilitando que essa visão se estenda, também, para sua visão de mundo e compreensão da sociedade como um todo, os ensinando a pensar dialeticamente, a desvendar e compreender discursos hegemônicos, questionar a realidade, compreende-la em sua totalidade, para, posteriormente, poder agir sobre ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar práticas possíveis do ensino de geografia através da utilização do texto literário, partindo, inicialmente, de uma explanação teórica sobre a relação existente entre a geografia e a literatura, sendo esta uma relação histórica e epistemológica dentro da disciplina. Partindo dessa perspectiva mais científica, que respalda a existência e a possibilidade dessa relação, buscou-se refletir inicialmente sobre o ensino de geografia e a educação de uma forma geral, onde pudemos perceber que muitas vezes estas são pautadas por uma visão tradicionalista e positivista, na qual a aprendizagem se faz de forma não significativa, sustentada pela memorização e estruturada de forma acrítica.

Dentro desse contexto, defendemos a idéia de que tanto a educação quanto o ensino de geografia devem se basear a partir da perspectiva de construir junto com o aluno uma conscientização de mundo e uma criticidade perante a realidade e o espaço geográfico em que vive. Dessa forma, o ensino de geografia ganha um novo significado e, através da literatura busca-se desenvolver uma forma de “pensar geográfico” que possibilite ao aluno se reconhecer enquanto agente social capaz de intervir na realidade concreta, pois é ele mesmo agente desse espaço e dessa sociedade, em sua relação dialética.

Estas considerações de base é que nos permitiram propor práticas pedagógicas no ensino de geografia que visam o desenvolvimento de uma prática leitora com os alunos através da literatura. Objetivamos não apresentar uma ferramenta metodológica pronta e fechada, mas caminhos possíveis para essa utilização, onde o “conhecimento geográfico” prévio dos alunos, o diálogo e a criação dos conceitos espontâneos se fazem presentes, orientando o tratamento didático do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Pudemos observar o quanto a dialogicidade é importante na compreensão do aluno enquanto sujeito e também no confronto das diversas subjetividades e interpretações que o texto literário pode trazer. É através desse confronto que o pensamento crítico e a problematização passam a ser estruturados e o aluno começa a desenvolver a capacidade de questionar a sua realidade, nessa relação dialética entre a objetividade e a subjetividade que a literatura permite e o diálogo efetiva. Observamos também a importância do papel do professor nesse processo, como um mediador e observador que guiará o aparecimento desses conceitos para, posteriormente, dar o tratamento didático necessário para sua sistematização dentro do processo de aprendizagem. O professor é figura de extrema importância, pois é ele quem, primeiramente, irá selecionar o texto a ser lido pelos alunos, determinando os objetivos prévios que aquela leitura visa alcançar, transformando-a, assim, em uma ferramenta pedagógica.

Partindo dessas reflexões, podemos observar o quanto a utilização da literatura para o ensino da geografia é uma forma rica de se estabelecer esse processo de ensino-aprendizagem, ampliando a forma de acesso ao conhecimento, trabalhando a interpretação de mundo dos alunos e a sua conscientização, bem como aproximando o ensino e a escola com a sua realidade vivida e experienciada. A partir disso,

a aprendizagem passa a ser uma aprendizagem significativa, ressignificando também o próprio ensino da geografia escolar.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Ana R. V. R. **Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas**. In: Revista Espaço e cultura, Rio de Janeiro, n.5, p. 55-71, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
- _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade**. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CAVALCANTI, L. de S. **Ensino de Geografia e diversidade. Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. In: CASTELLAR, Sonia. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2017.
- _____. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Ed.da UFSC, 1999.
- FIORI, E. M. **Prefácio: aprender dizer sua palavra**. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017 [1968].
- FIORIN, J. L; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017 [1968].
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 40ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- LÉVY, B. « **Géographie et littérature. Une synthèse historique** » In : Le Globe, T.146, 25-52, 2006.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARANDOLA JR.,; GRATÃO, L. H. B (org.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010.
- MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Editora Annablume, 2005.
- _____. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec-Vip, 1985.
- MORAES, J. V. **A teoria de Ausbel na aprendizagem do conceito de espaço geográfico**. In: CASTELLAR, Sonia. **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2017.
- NETO, Manoel Fernandes. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

SILVA, I. A; BARBOSA, T. **O ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética.** In: **Caminhos de Geografia**, Uberlândia. V. 15, n.49 – Mar/2014 p. 80-89, 2014.

SILVA, V. M. **Teoria da Literatura.** Coimbra: Livraria Almedina, 1973

SUZUKI, J. C. **O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de “A rosa do povo”.** In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, L. H. B (org.) **Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação.** Londrina: Eduel, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<https://www.revistaprosaveroarte.com/e-preciso-educar-os-educadores-edgar-morin/> (acesso em 30/03/2026).